



# O QUE É O EXISTENCIALISMO?

de Simone de Beauvoir

Lucas Joaquim da Mota<sup>1</sup>  
Universidade Federal de São Carlos

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (proc. n. 2022/16556-7).  
E-mail: [lucasjufscar@gmail.com](mailto:lucasjufscar@gmail.com).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3740493609654132>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4697-6247>.



**RESUMO:** Em *Qu'est-ce que l'existentialisme?*, Beauvoir apresenta não apenas sua compreensão sobre o que seria o existencialismo, mas também mostra que não se trata apenas de uma moda pós-guerra. Nesse artigo, ela reforça de maneira muito sucinta o método mesmo de sua doutrina e que se dá entre a superação de uma oposição clássica da filosofia, a saber, a do interior e do exterior, a do individual e do universal, a do subjetivo e do objetivo, e a considera agora por meio do que Beauvoir designa como uma “nova síntese”: é a ambiguidade da condição humana. É uma apresentação clara do que Beauvoir defendia como existencialismo e como pensá-lo em um mundo que vivia os efeitos catastróficos do pós-guerra, além de um esforço em mostrar que nessa doutrina ética, moral e política estão intrinsecamente ligadas: diz respeito somente ao ser humano e às suas relações com outrem.

**Palavras-chave:** Ambiguidade. Beauvoir. Existencialismo. Moral.

**ABSTRACT:** In *Qu'est-ce que l'existentialisme?*, Beauvoir not only presents her understanding of what existentialism is, but also shows that it is not just a post-war fad. In this article, she very succinctly reinforces the very method of her doctrine, which takes place between overcoming a classic opposition in philosophy, namely that of the interior and the exterior, the individual and the universal, the subjective and the objective, and now considers it through what Beauvoir calls a “new synthesis”: it is the ambiguity of the human condition. It is a clear presentation of what Beauvoir defended as existentialism and how to think about it in a world experiencing the catastrophic effects of the post-war period, as well as an effort to show that in this doctrine ethics, morality and politics are intrinsically linked: it concerns only the human being and their relationships with others.

**Keywords:** Ambiguity. Beauvoir. Existentialism. Moral.

## [Apresentação]

Já dizia Simone de Beauvoir no “Prefácio” de sua antologia *O existencialismo e a sabedoria das nações* (1945) que toda conduta viva é uma escolha filosófica, e a ambição de uma filosofia digna desse nome – existencialismo – é a de ser um modo de vida que traga consigo a sua justificação (cf. Beauvoir, 2008, p. 18). Por essa e por outras razões que é possível identificar que entre cada subjetividade e o mundo há uma relação fundamental entre ambos e uma tal relação se concretiza moralmente pelas situações vividas particular e singularmente por ela no seio desse mesmo mundo; enquanto o modo de ser dessa subjetividade é um movimento em direção aos outros que indica a abertura dela em direção a um futuro a ser definido pelas suas ações e escolhas, é no mundo em que ela está situada que a escolha de assumir essa condição – humana – se realiza de maneira constante.

Daí também se nota a dificuldade, e até mesmo a impossibilidade, de definir o existencialismo através de uma mera concepção geral que mostre os interesses e pressupostos dessa filosofia como *doutrina*; antes de sustentar qualquer concepção de existencialismo, parece-nos mais justo considerar a presença mesma que ela tanto reivindica por meio de textos filosóficos e escritos literários: a presença finita de cada ser humano situado no mundo que, ainda que suas ações não sejam a causa dele, são elas que o desvelam como um mundo a ser experienciado moralmente. Assim, não são poucas as palavras destinadas a mostrar essa relação e o modo pelo qual ser humano e mundo são inseparáveis. É uma filosofia que defende que cada indivíduo é um projeto existencial e, a partir das metas estabelecidas por ele, uma pluralidade de outros projetos se constituem por essa abertura futura de acordo com as ações presentes; esse projeto, por sua vez, envolve uma situação que se define por outros projetos, daí a importância de evocar, tal como bem fez Beauvoir, uma *moral existencialista*.

O problema dessa moral é um: se toda fonte de valor advém da pluralidade de indivíduos concretos, singulares, que se projetam em direção aos seus próprios fins a partir de situações cuja particularidade é tão irreduzível quanto a própria subjetividade, originalmente separados, como eles poderiam se reunir (cf. Beauvoir, 2005, p. 21)? E a solução é outra: a conciliação entre eles se daria por uma moral que se recusaria a negar *a priori* que existentes separados possam ao mesmo tempo estar ligados entre si e que suas liberdades singulares possam forjar leis válidas para todos (cf. Beauvoir, 2005, p. 21). Não se compreende então que a filosofia existencialista de Beauvoir reivindique um sujeito a-histórico, que está para além ou fora da historicidade, como também não defende qualquer apego em valores externos para determinar a condição humana por excelência; pelo contrário, por ser liberdade (transcendência) e facticidade (dado), esse sujeito é quem desvela essa história através dessa



relação mais que fundamental entre ele, os outros e o mundo. Essa particularidade, pois, vivida em situações a partir das quais a liberdade se realiza enquanto desvelamento ontológico do mundo moral, é o estado mais elementar dos indivíduos, ao passo que superar as outras liberdades é se engajar por meio delas tendo em vista a autenticidade de suas ações

É, para reforçar a relação entre essas concepções, uma *filosofia da ambiguidade*, isto é, uma filosofia que prega, antes de tudo, que a liberdade e a servidão não podem ser justificadas como resultados inelutáveis de determinações gerais, sejam elas históricas, econômicas, culturais, entre outras; nenhum determinismo é aceito por essa abordagem moral e a ambiguidade corresponde precisamente a isto: as subjetividades são indivíduos situados cujas vidas possuem um lastro no ser (em suas famílias, país, época, sexo, economia, educação, por aí vai – a facticidade) e, entretanto, elas são existências, seu ser não está estabelecido ou condicionado por uma série de eventos irrevogáveis que constituem aquilo que denomina-se destino; isto é, elas são livres não apenas das circunstâncias em que nascem e vivem, como também muitas vezes estão contra elas: “somente o homem pode ser um inimigo para o homem, somente ele pode lhe furtar o sentido de seus atos, de sua vida, porque cabe também somente a ele confirmá-lo em sua existência, reconhecê-lo efetivamente como liberdade” (Beauvoir, 2005, p. 70).

Assim, o texto a ser traduzido a seguir, inédito no Brasil e que apenas foi possível traduzi-lo através da gentil concessão de Sylvie Le Bon de Beauvoir, filha e herdeira dos direitos autorais das obras de Simone de Beauvoir, é um artigo publicado originalmente na revista francesa *France-Amérique*, em 1947, não para definir de fato o existencialismo, mas, antes disso, demonstrar a complexidade dessa filosofia e o equívoco de tentar resumi-la “em poucas palavras” ou “em cinco minutos”. Que ele possa contribuir no entendimento mesmo que temos sobre ela, além de ser uma descrição própria do que Beauvoir entendia como existencialismo, ainda que, inicialmente, fosse um termo recusado pela filósofa e outros pensadores da época.



## [Tradução]

Não sei quantas vezes, durante minha viagem aos Estados Unidos, alguém fez esse pedido, que também me era familiar na França: “Você pode explicar o que é existencialismo?” E meu interlocutor, sem dúvida curioso por qualquer novidade, mas poupando seu tempo e esforço, acrescentava: “em poucas palavras” ou “em cinco minutos”. Decepcionei muitas pessoas amáveis e deixei vários jornalistas infelizes por me recusarem a cumprir minhas exigências. Alguns duvidavam de minha capacidade intelectual; outros desconfiavam de uma doutrina que não podia ser resumida em uma frase. Entretanto, correndo o risco de decepcionar mais uma vez, devo dizer desde já que nem mesmo um artigo é suficiente para dar conta do existencialismo. Minha intenção é apenas dissipar alguns mal-entendidos aqui.

O primeiro erro consiste justamente em acreditar que o existencialismo pode ser concentrado em uma ou duas expressões simples e imediatamente eficientes. Ele não é um *martingale*<sup>1</sup> que garante a vitória no jogo da vida, nem uma receita capaz de apagar os incômodos da existência. Tampouco é a arte de interpretar sonhos, evocar espíritos ou realizar rituais. Não se deve esperar nenhuma dessas distrações que são tão agradáveis na sociedade. Não é um fenômeno social análogo ao fenômeno *zazou*<sup>2</sup>, nem um movimento político, nem uma moda do pós-guerra, embora tenha repercussões sociais, inclua implicações políticas, e a moda tanto serviu como desserviuiu<sup>3</sup>. Menos ainda é uma predileção pelo escândalo; o público parisiense que correu para as primeiras conferências existencialistas na esperança de ver novamente as extravagâncias surrealistas ficou extremamente

---

<sup>1</sup> [N.T.] Método que consiste sobretudo na aposta repetitiva de um mesmo resultado, de modo que seria possível a recuperação dos prejuízos das apostas passadas. Muito mencionada em teoria das probabilidades, esse método se interessa somente pelo evento presente afim de lucrar o maior valor possível nela [N.T.].

<sup>2</sup> O *zazou* foi uma moda francesa que se destacou na década de 1940 e cujos jovens pertencentes a ele eram apreciadores do *jazz* estadunidense.

<sup>3</sup> [N.T.] Sabe-se muito bem que o existencialismo ateu – que Sartre, Beauvoir e Merleau-Ponty contribuíram, e muito, em seu desenvolvimento – ganha espaço entre o público francês após a guerra; no entanto, como bem lembrou Beauvoir em uma entrevista concedida a Radio-Canadá, em 1959, ao ser questionada por Wilfrid Lemoine sobre quando se fala de existencialismo, se haveria alguma relação entre quem se dizia existencialista (do ponto de vista evocado estritamente por essa filosofia) e toda uma juventude ruidosa, sorridente, amante de *jazz* dos anos de pós-guerra, que vivia em Sain-Germain-des-Près e que se auto proclamava existencialista; em sua opinião, questiona ele, “lhe parece que essa juventude oferecia uma imagem real do ser existencialista, do ser humano existencialista?” (Beauvoir, 2019, p. 29, *tradução minha*). A filósofa é categórica em sua resposta: ela não crê, de nenhuma maneira, que haja alguma relação entre a filosofia existencialista, seja a de fundo cristão ou ateu, e essa juventude, exceto por uma questão topográfica – de resto, “fora isso, vejo pouquíssima relação entre os dois tipos de existencialismo. É acidental terem encontrado. [...] Completamente acidental” (Beauvoir, 2019, pp. 29-30, *tradução minha*). Sob a ótica da história, reforça a autora, é com Kierkegaard, no século XIX, que o existencialismo é fundado como uma filosofia da ambiguidade ao afirmar o caráter irreduzível da condição humana – em seus extremos – em oposição a Hegel (*cf.* Beauvoir, 2005, p. 15).

desapontado por ter de ouvir uma palestra doutrinária séria como uma aula na Sorbonne. O existencialismo é, antes de tudo, uma filosofia, análoga em muitos aspectos às filosofias clássicas e discutida em lugares tão austeros e respeitáveis como a Sociedade Francesa de Filosofia, por exemplo.

Ninguém sonharia em exigir que o sistema de Kant ou Hegel fosse apresentado em três frases; o existencialismo não se presta à popularização com mais facilidade. Uma teoria filosófica, assim como uma teoria física ou matemática, é acessível apenas para os iniciados. De fato, é indispensável estar familiarizado com a longa tradição na qual ela se baseia, se quisermos compreender tanto os fundamentos quanto a originalidade da nova doutrina<sup>4</sup>. Como você poderia mostrar a audácia de Einstein ou de Broglie a alguém que não conhecesse a mecânica de Newton?

O problema é o mesmo aqui. Muitas críticas que nos são dirigidas por mentes desinformadas têm como alvo Descartes ou Kant, e não o existencialismo. Muitas vezes é a filosofia em geral que está sendo questionada ao nos atacar. Na verdade, são necessários vários anos de estudo para que se possa detectar a contribuição original do existencialismo para a filosofia e estar em posição para discutir a validade dela<sup>5</sup>.

No entanto, o fato de não especialistas, independentemente de sua incompetência, estarem interessados no existencialismo deve ter uma explicação. A lógica simbólica, por exemplo, nunca incitou disputas tão apaixonadas. A razão, de fato, é que, embora o existencialismo afirme repousar sobre as bases teóricas mais sérias, ele também afirma ser uma atitude prática e viva em relação aos problemas apresentados pelo mundo atual<sup>6</sup>. É uma filosofia que não quer ficar fechada em livros e escolas; pretende reviver a grande tradição da sabedoria antiga que também envolvia física e lógica difíceis, mas propunha uma atitude humana concreta para todos os homens. É por isso que ela não se expressa apenas em tratados teóricos e abstratos, mas também se esforça para atingir um público maior

---

<sup>4</sup> [N.T.] Ou seja, é uma doutrina muito diferente da concepção comum de que ela teria surgido apenas como uma reação rebelde dos intelectuais e da sociedade parisiense em contexto durante e pós-guerra. É certo que a guerra contribuiu para sua expansão e até mesmo para sua consolidação, mas, antes disso, é por uma influência filosófica – como já vimos, de Kierkegaard e, até mesmo, de Nietzsche e Jaspers –, a fenomenologia alemã, sobretudo de Husserl e Heidegger, e a própria concepção de ser humano e mundo para os autores e autoras ditos existencialistas que essa doutrina é constituída de fato. A moral existencialista de Beauvoir, em particular, é uma resposta a isso juntamente do próprio interesse da autora pela moralidade, pelas condutas humanas tão individuais e distintas entre si. Por isso que, sobre a elaboração dessa moral, diz Beauvoir, “logo depois de uma guerra que recolocara tudo em questão, era normal que se tentasse reinventar regras e razões” (Beauvoir, 2009, p. 84).

<sup>5</sup> [N.T.] Novamente Beauvoir reforça o caráter estritamente filosófico do existencialismo e do porquê não se tratar de uma doutrina popular que pouco teria de validade na própria História da Filosofia. Pelo contrário, sua originalidade se dá por meio de uma compreensão sistemática dessa doutrina como forma de evitar concepções banais ou superficiais.

<sup>6</sup> [N.T.] Aqui se tem a relação dialética entre a teoria filosófica e as ações práticas a partir de escolhas humanas – *escolhas feitas em vida e por vidas*: ambas não se separam. Na verdade, essa correlação é um dos interesses mais cruciais do existencialismo, pois, através de suas concepções, é a condição vivida de cada pessoa que é considerada em sua incomensurabilidade para alcançar a esfera moral dela, na qual ética, política e moral estão radicalmente interligadas.



por meio de romances e peças de teatro. Essa tentativa desconcerta muitas pessoas e as faz duvidar que o existencialismo seja de fato uma filosofia. Mas isso é interpretar mal a verdade da filosofia, que, particularmente na França, nunca apareceu como uma disciplina singular, mas como uma visão global do mundo e do homem que deve abranger a totalidade do domínio humano. Hoje, as ideologias que ganham a aprovação da maioria dos intelectuais franceses, a saber, o cristianismo, o existencialismo e o marxismo, têm em comum a pretensão de mostrar o homem em sua totalidade. Todas elas respondem à mesma necessidade: na França e em toda a Europa, o indivíduo está buscando, com angústia, encontrar seu lugar em um mundo virado de cabeça para baixo.

Pascal resumiu a ambiguidade da relação entre o Universo e o homem em uma expressão famosa e marcante quando chamou o homem de um caníço pensante<sup>7</sup>. A partir dessa definição, o cristianismo retém essencialmente o aspecto da interioridade: no segredo de seu coração, pela pureza de suas intenções e pela realização individual da ética ditada por sua consciência, o homem alcançará

---

<sup>7</sup> [N.T.] Para recuperar a relação dessa ambiguidade com a história do pensamento, de maneira a explicitar o ponto conceitual que nela foi evocada a partir da importância de não dissociar, hierarquizar ou abstrair um dos extremos da condição humana, Beauvoir considera que no século XVI, Pascal resumiu a ambiguidade da relação entre o universo e o ser humano na famosa expressão mencionada (cf. PASCAL, Br. Frag. 347, 1979, pp. 123-124). A partir dessa expressão, para Beauvoir Pascal já apresenta à história da filosofia o paradoxo mesmo da verdade da condição humana: sua fraqueza material, objetiva diante do infinito do universo e que, ao mesmo tempo, não abstém a sua grandeza – no entanto, essa grandeza é em relação ao nada e não ao infinito (cf. PASCAL, Br. Frag. 347, 1979, p. 124); se, para Pascal, não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagar o indivíduo, pois, antes disso, um vapor, uma gota de água, bastam para matá-lo, todavia, e aqui que reside a ressalva de Beauvoir sobre o “outro lado” dessa condição, mesmo que o universo o esmague, ele seria ainda mais nobre do quem o mata, porque sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso (cf. PASCAL, Br. Frag. 347, 1979, pp. 123-124). Na verdade, é esse paradoxo que o existencialismo visa assumir, sem qualquer esforço em superá-lo: assumido, o indivíduo reivindica as antinomias de suas ações e se lança em direção ao futuro que é aberto precisamente para realizar sua condição; sem uma neutralidade que o aliviaria das angústias dela, sem nenhuma razão de ser e, ainda por cima, realizar o movimento de sua consciência intencionada ao mundo a qual ela desvela, é a liberdade e seu paradoxo que são sentidas como nunca por cada existência. O existencialismo de Beauvoir, portanto, não se abstém desse movimento, mas, ao contrário disso, o sintetiza por meio de ambiguidades que colocam nas mãos de cada subjetividade a possibilidade de se fazerem autenticamente.



sua salvação neste mundo<sup>8</sup>. Ao contrário, o marxismo enfatiza que o homem é um caniço, uma coisa entre as coisas, definível por sua relação com a realidade objetiva do mundo<sup>9</sup>.

O existencialismo se esforça para manter as duas pontas da corrente ao mesmo tempo, superando<sup>10</sup> a oposição interior-exterior, subjetivo-objetivo<sup>11</sup>. Ele postula o valor do indivíduo como a fonte e a razão de ser<sup>12</sup> de todos os significados e de todas as cores, mas admite que o indivíduo só tem realidade por meio de seu engajamento no mundo<sup>13</sup>. Afirma que a vontade do ser livre é suficiente para a realização da liberdade, mas também declara que essa vontade só pode se posicionar lutando contra os obstáculos e as opressões que limitam as possibilidades concretas do homem. Assemelha-se ao individualismo no sentido de que parece importante para ele que cada indivíduo obtenha sua própria salvação e que cada indivíduo pareça ser o único capaz de obtê-la por si mesmo<sup>14</sup>. No entanto, ele

---

<sup>8</sup> [N.T.] É a exposição, ainda que básica, de um dos extremos isolados da condição humana: a alma, o espírito, a liberdade, a subjetividade. É a dissociação entre ambos que Beauvoir denuncia e se opõe aos filósofos da tradição que se dedicaram *dissipar* a ambiguidade: em primeiro lugar, pela redução do espírito à matéria ou da matéria ao espírito, ou ainda a confusão em considerá-los no seio de uma substância única; em segundo lugar, os adeptos do dualismo, que estabeleceram entre o corpo e a alma uma hierarquia que permitia considerar como desprezível a parte de si mesmo que não se podia salvar (cf. Beauvoir, 2005, p. 14). O resultado dessas dissipações foi a negação da morte, "seja integrando-a à vida, seja prometendo ao homem a imortalidade; ou ainda negaram a vida, considerando-a como um véu de ilusão sob o qual se oculta a verdade do Nirvana. E a moral que propunham a seus discípulos perseguia sempre a mesma meta: tratava-se de suprimir a ambiguidade fazendo-se pura interioridade ou pura exterioridade, evadindo-se do mundo sensível ou abismando-se nele, alcançando a eternidade ou encerrando-se no puro instante" (Beauvoir, 2005, p. 14). Contra esses esforços, particularmente, que Beauvoir se coloca no caminho de refazer a importância mesma de manter a ambiguidade, isto é, as regiões constituintes de toda condição humana.

<sup>9</sup> [N.T.] É a exposição do outro extremo da condição humana: o corpo, a matéria, a facticidade, a cultura, a objetividade. A referência ao pensamento marxista, incluindo o de Marx, é devido que, para ambos, ainda que muito resumidamente, o ser objetivo age objetivamente e não agiria assim se não estivesse incluída em sua própria essência essa objetividade; "ele põe e cria objetos apenas porque ele mesmo está posto por objetos, porque, por sua origem, é natureza. Esse ato de por não significa uma degradação de sua atividade pura, uma queda na criação do objeto, pelo contrário, seu produto objetivo somente confirma sua atividade objetiva, sua atividade como objetivo natural" (Marx, 1996, p. 170, *tradução minha*).

<sup>10</sup> [N.T.] No original: *dépassant*.

<sup>11</sup> [N.T.] Um dos argumentos centrais para compreender as obras de Beauvoir. Essa superação não é no sentido de desconsiderar ambos os extremos, mas, ao contrário, retê-los, ou melhor, sintetizá-los em uma e mesma condição, e é isso a ambiguidade. É um afastar-se e, ao mesmo tempo, uma reformulação sintética do dualismo clássico das ontologias modernas.

<sup>12</sup> [N.T.] No original: *raison d'être*.

<sup>13</sup> [N.T.] Esse engajamento no mundo demonstra que é na abertura temporal da subjetividade que cada pessoa se relaciona e cria valores nos objetos e nas situações nas quais ele se faz como tal; sem nenhuma essência pré-definida, se engajar é se engajar moralmente, ou, como disse a autora dois anos antes da publicação de *Qu'est-ce que l'existentialisme?*, em sua resenha sobre a *Fenomenologia da Percepção*, "é impossível definir um objeto separando-o do sujeito pelo qual e para o qual ele é objeto; o sujeito é revelado apenas por meio dos objetos nos quais ele se engaja" (Beauvoir, 2021, p. 226). Dito de outro modo, é se engajando que esses objetos são visados e é por esse engajamento que cada situação resulta em novas situações como forma de prolongar a existência que nunca é encerrada sobre si mesma – nesse caso, é uma extensão de sua própria dimensão.

<sup>14</sup> [N.T.] Uma passagem muito clara de *Por uma moral da ambiguidade* sobre essa relação entre a vontade de ser livre e o modo pelo qual essa liberdade luta contra os obstáculos da facticidade é: "[...] para que minha liberdade não corra o risco de vir a morrer contra o obstáculo suscitado por seu próprio engajamento, para



também se assemelha ao realismo marxista porque somente trabalhando ativamente para o triunfo concreto da liberdade universal, propondo fins para si mesmo que o superem, o indivíduo pode esperar se salvar. Assim, o existencialismo também busca uma reconciliação desses dois reinos cujo divórcio é tão nefasto para os homens de nosso tempo: o reino ético e o reino político. A ética aparece para o existencialismo não como o respeito formal de leis eternas e supraterrrestres, mas como a busca de um fundamento válido para a história humana, tal como ela se desenvolve em nossa terra. A política não é, para o existencialismo, o simples ajuste dos meios eficientes em direção a um fim incondicionado, mas a criação e a construção perpétuas e incessantes do fim pelos meios usados para produzi-lo. Em outras palavras, a tarefa do homem é a de fazer com que o homem se torne um ser humano. Em outras palavras, a tarefa do homem é uma só: moldar o mundo dando-lhe um significado. Esse significado não é dado antes do tempo, assim como a existência de cada homem também não é justificada antes do tempo<sup>15</sup>.

Juntamente com a ideia de um Deus que garante o Bem e o Mal, o existencialismo rejeita a noção de valores prontos cuja afirmação precede o julgamento humano. Ao assumir livremente sua

---

que ela possa ainda através do fracasso prosseguir seu movimento, é preciso que, dando a si mesmo um conteúdo singular, ela vise através dele a um fim que não seja coisa alguma, mas precisamente o livre movimento da existência" (Beauvoir, 2005, p. 30). Porque, como esperado, é ao lutar contra esses obstáculos e combater as situações de opressão que o livre movimento da existência se torna autêntico conforme assume tanto as circunstâncias constituintes dessa facticidade como a capacidade de transcendê-las como forma de não ser barrado por elas. O fim visado pelo projeto, portanto, não é unívoco, pois é ao alcançá-lo, ou não, que novos pontos de partida são criados a favor de situações futuras. Disso se chega à ideia segundo a qual o existencialismo pode parecer, *em partes*, como individualista, pelo menos na medida que prioriza a existência individual de cada pessoa e atribui a ela todas as responsabilidades de suas ações: é isso que aparece em Beauvoir como *salvação* concreta da própria condição vivida por essa existência – isto é, a salvação da própria existência no mundo fenomenológico.

<sup>15</sup> [N.T.] Esse parágrafo de *Qu'est-ce que l'existentialisme?* sintetiza muito bem o interesse do existencialismo de Beauvoir pelas questões éticas, morais e políticas da vida humana, sendo os três inseparáveis. Para a autora, segundo "Idealismo moral e realismo político", "reconciliar moral e política é, pois, reconciliar o homem consigo mesmo, é afirmar que a cada instante este pode assumir-se totalmente. Mas isso que renuncie à segurança que esperava atingir encerrando-se na pura subjetividade da moral tradicional, ou na objetividade da política realista" (Beauvoir, 2008, p. 62). Ao rejeitar o negativismo da moral, pelo menos no sentido de que ela não exige aos indivíduos que permaneçam fiéis a uma imagem fixa de si mesmos, Beauvoir concilia a proposição "ser moral" ao fato de que é fundando seu ser que cada um deles passam da contingência de sua existência ao *necessário*; isto é, este ser é nada mais nada menos que um ser no mundo, implica a posição de um corpo e de uma consciência, de uma subjetividade na realidade coletiva, desta consciência que transcende o plano que constitui sua imanência – de resto, não há uma necessidade ali, porque, antes disso, a existência é um lançamento espontâneo e contingente que, enquanto modo de ser, pode ser revestida de valores e significações. Com essas definições, a autora estabelece que esse ser que se faz no mundo, que o desvela conforme se lança em empreendimentos a partir dos quais seus projetos visam um fim que, na verdade, também são um ponto de partida, está indissociavelmente ligado a esse mundo que ele é habitante, sem o qual não poderia existir, nem sequer definir-se; "está ligado pelos atos, e são esses atos que é preciso justificar" (Beauvoir, 2008, p. 60). Isso quer dizer que toda ação é a ultrapassagem de uma situação concreta e singular para outras situações vividas com vista aos projetos de ser das existências, e da qual cada novo modo de agir implicará uma *invenção*: a de trazer em si a sua própria justificativa. Por essa ultrapassagem, pelo movimento engajado de cada ação, que é dado um sentido temporal ao mundo moral, sem nenhuma forma atemporal que seja passiva e separada da concretude da condição humana.



própria liberdade como um fim em si mesmo e em seus atos, o homem constitui um reino de fins. Separada da vontade humana, a realidade do mundo não passa de um “dado absurdo”. Essa é uma concepção que parece sem esperança para muitas pessoas e as faz acusar o existencialismo de ser pessimista. Mas, na verdade, não há desesperança, pois achamos que é possível ao homem tirar o mundo da escuridão do absurdo, revesti-lo de significados e projetar nele objetivos válidos<sup>16</sup>. Simplesmente redescobrimos a sabedoria do velho Montaigne, que disse: “A vida não é, em si mesma, nem boa nem má; é o lugar do bem ou do mal, como você os faz!”<sup>17</sup>. O fato é que os velhos rótulos, idealismo-realismo, individualismo-universalismo, pessimismo-otimismo, não podem ser aplicados a

---

<sup>16</sup> Pode-se dizer assim que, em Beauvoir, Deus não é uma pessoa particular e individual, uma liberdade com um corpo que sintetizaria o mundo fenomenal e que nele se lançaria espontaneamente, como também não reivindica nada a favor de algo ou, ainda, promete uma recompensa se uma subjetividade o seguir. Em “Idealismo moral e realismo político”, a filósofa pontua que as morais clássicas pretenderam definir objetivamente o Bem, mas a esse bem que não reconhece como seu, o político opõe a evidência das suas próprias vontades e dos seus próprios fins. A moral, portanto, apenas fala, se pronuncia através das pessoas e é através disso que a justiça e o direito são definidos: é a sua própria vontade que está em jogo; ela pretende se justificar no seio das situações que as ações envolvem a liberdade de cada pessoa e, a partir daqui, que os valores comportamentais se legitimam enquanto não dados *a priori*. E o que se deve fazer então? Deve-se “[...] assumir a sua liberdade. Somente a este se torna capaz de ultrapassar realmente o adquirido, e isso é a verdade moral, de fundar realmente o objeto no qual se transcende, que é a única política válida; a este preço, a sua ação inscreve-se concretamente no mundo, e o mundo onde age é um mundo dotado de um sentido, um mundo humano” (Beauvoir, 2008, p. 64). E é esse o projeto do existencialismo enquanto uma doutrina que evoca uma moral na qual o ser humano, para ser fiel aos termos da autora, “pode aderir por completo” (Beauvoir, 2021, p. 226).

<sup>17</sup> Esse dizer de Montaigne é também a epígrafe de *Por uma moral da ambiguidade*. É um retorno ao que foi apontado nas *Vidas* de Diôgenes Laêrtios: “Nem o bem nem o mal existem por natureza, pois se há por natureza algo bom ou algo mau, deve ser bom ou mau para todos, da mesma forma que a neve é fria para todos; mas nada existe de bom ou de mau para todos; logo, nem o bom nem o mal existem por natureza. Com efeito, ou tudo que é considerado bom por qualquer pessoa deve ser chamado bom, ou nem tudo; mas certamente não se pode dizer que tudo é bom, pois uma mesma coisa é considerada um bem para uma pessoa – por exemplo, o prazer por Epicuro – e um mal para outra, como o mesmo prazer por Antístenes. Disso se deve deduzir que a mesma coisa é boa e má ao mesmo tempo. Mas, se dizemos que nem tudo que alguém considera bom é bom, temos de distinguir as opiniões diferentes, porém isso é impossível em decorrência da equipolência de argumentos opostos. Logo, o bem por natureza não pode ser conhecido” (Laêrtios, IX, 2008, p. 101). A vida humana, pois, é definida conforme se assume ou renega a liberdade e, segundo a autora em “O existencialismo e a sabedoria das nações”, o seu existencialismo não condena a subjetividade a uma miséria irremediável, como também não lhe promete o paraíso ou a pacificação diante de um mundo instável; “se o homem não é naturalmente bom, também não é naturalmente mau; não é nada; para começar: compete-lhe fazer bom ou mau consoante assuma a sua liberdade ou a renegue” (Beauvoir, 2008, p. 33). Essa falta de um valor moral absoluto e que, muitas vezes, serviria para se refugiar da parcialidade que as condutas e os comportamentos subjetivos promovem é uma falta que decorre dessa diferenciação, porque, em termos de natureza, fatos são fatos e, para a filósofa, não há nenhuma razão para se afligir com ela, ao passo que, ao contrário, em termos morais, “bem e mal só aparecem para lá da natureza, para lá de todo o dado; é por isso que se pode descrever a realidade com toda a imparcialidade” (Beauvoir, 2008, p. 33). Para lá desses fatos e desses dados, se é através da assunção ou negação da liberdade que todo valor se legitima como ponto de partida e, ao mesmo tempo, fim de uma conduta realizada em situação, é um repouso causado por um determinismo objetivo ou um subjetivismo abstrato que o existencialismo tende, nas palavras de Beauvoir, a perturbar; essa perturbação é tornar qualquer destino uma fonte de inquietude, pois, do lado oposto desse repouso inerte, o indivíduo “é o único e soberano senhor do seu destino, apenas se quiser sê-lo; eis o que afirma o existencialismo; e aí está precisamente um otimismo” (Beauvoir, 2008, p. 34).



uma doutrina que é precisamente um esforço para superar essas oposições em uma nova síntese, respeitando a ambiguidade fundamental do mundo, do homem e de seu relacionamento<sup>18</sup>.

Tal novidade, repito, dificilmente pode ser resumida; ela se revela apenas por uma intuição direta que deve ser buscada nas obras em que é apresentada, e que só dá frutos se a pessoa dedicar tempo para deixá-la amadurecer dentro de si mesma.

Recebido em: 13/05/2024

Aceito em: 05/10/2024

Publicado em: 28/10/2024

---

<sup>18</sup> Essa nova síntese, portanto, nomeia uma tal tarefa como um esforço para superar a oposição entre subjetividade e objetividade – e outras oposições binárias prevalecentes na história da filosofia. Daí provém o vínculo indissociável que Beauvoir defende de maneira incansável para denominar por excelência a condição humana e, dessa forma, postular sua relação com essa história; em primeiro lugar, se essa doutrina for pensada através de um segmento retilíneo – uma condição humana linear – e que estaria entre ambas cadeias que a constituem, ou, se preferir, os seus extremos, ter-se-ia meramente uma descrição geral dela; entretanto, essa condição é vivida sob modo de situações particulares e cujo aspecto de cada experiência vivida de maneira singular é irreduzível a qualquer princípio universal que seria válido para uma condição humana *em sua generalidade*: trata-se de uma doutrina filosófica que privilegia, seja em termos morais, políticos ou ontológicos, sem hierarquizar tais instâncias, essas situações vividas na concretude dessa condição e que, como tais, são diferentes e, muitas vezes, até opostas umas das outras.



## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. Por uma moral da ambiguidade. *Por uma moral da ambiguidade* seguido de *Pirro e Cinéias*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BEAUVOIR, S. Pirro e Cinéias. *Por uma moral da ambiguidade* seguido de *Pirro e Cinéias*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BEAUVOIR, S. *Pour une morale de l'ambiguïté* suivi de *Phyrrus et Cinéas*. Paris: Gallimard, 1947.
- BEAUVOIR, S. “Qu'est-ce que l'existentialisme?”. *France-Amérique*, june 29, 1947, 1, 5, 1947.
- BEAUVOIR, S. A *Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty*. Trad. Lucas Joaquim da Motta. *Primeiros Escritos*, São Paulo - SP, n. 11, pp. 226-231, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosescritos/article/view/176887/180873>. Acesso em: 01 ago 2022.
- BEAUVOIR, S. O existencialismo e a sabedoria das nações. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Mário Matos. Lisboa: Esfera do Caos, 2008.
- BEAUVOIR, S. Idealismo moral e realismo político. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Mário Matos. Lisboa: Esfera do Caos, 2008.
- LAËRTIOS, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.
- MARX, K. *Manuscrits de 1844*. Paris: Flammarion, 1996.
- PASCAL, B. *Pensamentos*. 2ª ed. Trad. Sérgio Milliet: São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).